

YE HÉ HUÁ SHÌ WO DE MÙ ZHE: Religiosidade, genealogias transnacionais e memórias compartilhadas de deslocamento: o caso do protestantismo chinês em Recife

Por Marcos de Araújo Silva*

Resumo:

Neste artigo, descrevo e analiso dados etnográficos sobre a fração cristã da comunidade chinesa pernambucana. As observações, depoimentos e biografias colhidas ajudam a refletir sobre a politização de memórias coletivas e as especificidades que a interpretação da doutrina cristã pode apresentar entre um grupo de imigrantes. No ambiente religioso investigado, percebe-se que elementos como fluxos internacionais e conversões se entrecruzam e dialogam com dimensões mais amplas, evidenciando a heterogeneidade do protestantismo brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave:

Protestantismo Histórico, Diáspora Chinesa, Diálogos Interculturais, Identidade Étnica e Memória Social.

Uma breve história do cristianismo na RPC/Taiwan e da Igreja Batista Emanuel

Os primeiros contatos do cristianismo com a China remontam ao século VII, quando missionários nestorianos¹ de tradição síria alcançaram a Ásia Central, através da Rota da Seda. Sob o reinado do imperador Wan Li, da dinastia Ming (1368-1644) o catolicismo se expandiu consideravelmente graças à atuação dos jesuítas, dentre estes

* Antropólogo, mestrando em Antropologia na Universidade Federal de Pernambuco. Sócio da Associação Brasileira de Antropologia e Pesquisador Associado do NEPE – Núcleo de Estudo e Pesquisas sobre Etnicidade da UFPE.

¹ O Nestorianismo é uma doutrina cristã nascida no século V em Antioquia (Turquia) e que manteve forte influência na Síria. Os nestorianos se propagaram pela Ásia Central, chegando até a China. Atualmente subsistem igrejas nestorianas (conhecidas como Igreja Assíria do Oriente) principalmente na Índia, na China e nos EUA. Para uma melhor contextualização, ver JORDAN, James B. *Liturgical nestorianism: a critical review of "Worship in the presence of God"*. Niceville: Transfiguration, 1994.

o italiano Matteo Ricci, que chegou ao território chinês em 1582. Depois, houve contatos esporádicos, mas só no século XIX se deram passos decisivos para uma evangelização mais sistemática da atual RPC; o protestantismo, mais especificamente, entrou de forma institucionalizada no território chinês após a Guerra do Ópio, quando missionários ocidentais como o britânico Hudson Taylor² estabeleceram igrejas e propagaram a doutrina pelo interior do país.

Desde que os comunistas tomaram o poder no território chinês e fundaram a República Popular da China (RPC), em 1949, as religiões foram coibidas e seus seguidores perseguidos e presos em maior ou menor grau. A repressão religiosa se intensificou após a instauração da Revolução Cultural (1966-1976), quando missionários estrangeiros tiveram que abandonar o país e muitos seguidores foram obrigados a renegar suas crenças, para não serem enviados aos campos de concentração e prisões. Em 1978, Deng Xiaoping diminuiu as restrições à prática religiosa, mas, pela atual legislação, somente pessoas com mais de 18 anos podem ser evangelizadas na RPC e nenhum grupo cristão pode se reunir fora dos locais registrados, sob pena de prisão para os infratores. Segundo organizações não-governamentais estrangeiras de direitos humanos e religiosos, há centenas de pessoas presas atualmente na RPC por dirigirem ou estarem ligadas a igrejas e templos considerados clandestinos, por não atuarem sob o estrito controle do Partido Comunista Chinês (PCC).

Atualmente, todas as igrejas e templos na RPC têm de ser registradas no Escritório do Movimento Patriótico das Três Autonomias (auto-administração, auto-apoio, e auto-propagação), que é responsável pelo *Protestant Three Self Patriotic Movement* e pela *China's Catholic Patriotic Association*; ambos os grupos são

² James Hudson Taylor (1832-1905) trabalhou durante 51 anos na atual RPC e fundou a *China Inland Mission* (CIM) (agora *OMF International*). Ele foi responsável por trazer mais de 800 missionários e 125 escolas religiosas ao país durante a época em que atuou lá, atuação que teria sido responsável pela conversão de aproximadamente 18.000 chineses ao cristianismo. Descrições e análises complementares sobre a atuação de Taylor no território chinês podem ser encontradas em BROOMHALL, Alfred. *Hudson Taylor and China's open century: it is not death to die*. London: Hodder and Stoughton, 1989.

controlados pelo PCC. O primeiro fiscaliza o trabalho de evangelização dos fiéis e da administração dos assuntos religiosos na sua esfera protestante e a segunda, com as mesmas atribuições, atua na esfera católica; estes grupos tomam suas decisões de forma independente das matrizes dessas igrejas no exterior³. Com isso, os chineses cristãos que quiseram continuar praticando sua crença cristã, tiveram que aderir a alguma “igreja patriótica”, ou passar para a clandestinidade: freqüentando igrejas familiares, residenciais ou “subterrâneas”, nas quais os cultos são realizados nas casas dos fiéis ou em esconderijos.

Em outubro de 2007, dois estudos foram realizados para estimar o número de cristãos na RPC. O primeiro foi conduzido pelo missionário protestante Werner Burklin, e o segundo, pelos professores Tong Shijun e Liu Zhongyu, da East China Normal University, em Xangai; este último a pedido do próprio governo chinês. As pesquisas foram realizadas de forma independente e durante períodos diferentes, mas elas chegaram ao mesmo resultado. De acordo com estes estudos, a RPC possui 300 milhões de pessoas com mais de 16 anos que se definem como religiosas, existem aproximadamente 54 milhões de cristãos na China, dos quais 39 milhões são protestantes e 14 milhões são católicos⁴.

Outro dado importante presente nos dois estudos diz respeito a um perfil diferente do crescimento religioso da RPC em relação aos da maioria dos países, sobretudo os ocidentais: os novos religiosos chineses são jovens (62% têm entre 16 e

³ No caso específico do catolicismo, a vertente da Igreja Católica atuante no território chinês que permaneceu fiel ao Papa e à Santa Sé continua funcionando na ilegalidade desde 1958. A RPC coloca como condição para melhorar suas relações bilaterais com o Vaticano a ruptura das relações diplomáticas entre este Estado Pontifício e Taiwan, assim como autonomia para poder para nomear bispos. O Vaticano aceita a primeira condição, mas descarta a segunda. Disponível em: <http://www.ccibc.com.br/pg_dinamica/bin/pg_dinamica.php?id_pag=3184> e <http://www.ccibc.com.br/pg_dinamica/bin/pg_dinamica.php?id_pag=198>. Acesso em: 13 abr. 2008.

⁴ Disponível em: <<http://www.assistnews.net/STORIES/2007/s07100011.htm>>; <http://www.christianexaminer.com/Articles/Articles%20Nov07/Art_Nov07_17.html>; <<http://www.assistnews.net/STORIES/2007/s07100011.htm>>; <http://www.christianexaminer.com/Articles/Articles%20Nov07/Art_Nov07_17.html>. Últimos acessos em: 26 jan. 2008.

39 anos), urbanos, e muitos já o concluíram o que equivale ao “ensino médio” no Brasil e integram a nova classe média que se forma nas cidades industrializadas do leste do país; justamente o perfil dos jovens que, majoritariamente, afastam-se da religião no Ocidente. Uma pesquisa de opinião, feita em 2001, em Beijing, mostrou que 60% dos estudantes disseram estar interessados no cristianismo⁵.

O crescimento do cristianismo na RPC entre acadêmicos, escritores e intelectuais influenciaram David Aikman⁶ a afirmar a existência de um estilo bíblico literário na China contemporânea. Aikman estima que 300 milhões de chineses devam se converter até 2040, o que transformaria a RPC em um dos maiores países cristãos do mundo; esse número poderá ser alcançado caso os atuais índices, que indicam que anualmente cerca de dois milhões de chineses se convertem anualmente ao cristianismo no país (uma das maiores taxas de crescimento da história da religião) permaneçam em escala ascendente.

Questionado sobre as razões para este “renascimento religioso”, que é como a mídia estatal chinesa chama este fenômeno do crescimento e da procura pela religiosidade, o Prof. Miikka Ruokanen, que atualmente leciona em Nanjing, acredita que um “vácuo de valores e crenças” é um dos motivos que explicam a procura pela religião no país, sobretudo na sua esfera cristã. Para ele, “o próprio comunismo está enfrentando uma crise de credibilidade e as pessoas educadas sentem o vazio provocado pelo materialismo. Quando já se está obtendo o que quer, é provável que se sinta infeliz por uma necessidade espiritual”. Ruokanen também observa o grande apelo que o Cristianismo tem hoje nas áreas rurais do país: “os camponeses vivem sem previdência social, precisam pagar por educação e pela saúde, um contexto que beneficia a religião cristã”⁷.

⁵ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/gilberto>>. Acesso em: 13 jun. 2008.

⁶ AIKMAN, David. 2003. *Jesus in Beijing*. How Christianity is changing the global balance of power. Washington: Regnery Publishing, 2003.

⁷ Disponível em: <<http://www.cleofas.com.br/virtual/texto.php?doc=ESCOLA&id=esc1271>>.

Diferente do que ocorre na RPC, a legislação do território de Taiwan não permite que exista repressão institucionalizada e governamental a nenhuma religião, desde que suas práticas não violem os princípios democráticos da constituição taiwanesa. Com isso, as cerimônias públicas e as atuações missionárias cristãs das mais diversas orientações e denominações são livres na ilha e os conflitos esporádicos ligados à religiosidade, que ocorrem no território, costumam ser atribuídos a grupos isolados de extrema-direita que perseguem vertentes religiosas que julgam ser “demoníacas” ou “anti-nacionalistas”. Em uma população total estimada em 22.911.292, Taiwan possui 605.000 cristãos protestantes e 298.000 cristãos⁸, o que representa, respectivamente, a quarta e a quinta doutrina religiosa com maior número de adeptos naquele país, ficando atrás do budismo, do taoísmo e do *Yi Guan Dao*⁹.

Devido a estes fatores, existem diferenças substanciais entre os imigrantes chineses oriundos de Taiwan e da RPC¹⁰ no tocante às suas vivências particulares ligadas à religiosidade; que ocasionam lembranças e percepções distintas que interferem nos possíveis relacionamentos religiosos que eles venham a ter nos países anfitriões, onde residem atualmente. É importante salientar, contudo, que no contexto específico da comunidade chinesa de Pernambuco, a pesquisa etnográfica mostrou que apesar da liberdade religiosa taiwanesa, a intensa repressão religiosa

⁸ Dados disponibilizados pelo periódico Taipei Times Yearbook 2004: Religion.

⁹ *Yi Guan Dao* (ou *I-Kuan Tao*) é um movimento religioso que se originou na RPC no século XX. Simultaneamente, ele incorpora os elementos mais antigos do confucionismo, do taoísmo e do budismo chinês e também reconhece a validade de tradições religiosas não-orientais, tais como o cristianismo e o islamismo. Por esta razão, ele é muitas vezes classificado como uma seita sincrética, juntamente com outras religiões similares como a “Way of Former Heaven” (*Xian Tian Dao*).

¹⁰ Em diferentes momentos históricos, 98% da atual população de Taiwan vieram da China Continental. Por isso, diversos autores incluem os taiwaneses emigrados na “diáspora chinesa”. Vale lembrar que este território se separou da RPC em 1949, quando os nacionalistas foram derrotados pelos comunistas e se refugiaram nesta ilha, onde fundaram a “República da China” (nome oficial de Taiwan). Dados complementares podem ser encontrados em CARTIER, Carolyn; MA, Laurence J.C. *The Chinese diaspora: Space, place, mobility and identity*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers, 2003; COOPER, John. *Taiwan: Nation-State or Province?* Boulder: Westview Press, 1999; MANTHORPE, Jonathan. *Forbidden nation: a history of Taiwan*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

praticada na RPC constitui um elemento presente direta e indiretamente também nas memórias e no cotidiano de parte significativa dos emigrados que nasceram em Taiwan. Este fato se deve, sobretudo, aos vínculos familiares ou afetivos destes imigrantes com sua terra natal (que muitos consideram separada da RPC apenas politicamente); mais especificamente com amigos e parentes que foram perseguidos ou que ainda vivem na RPC, e são obrigados a praticar sua religiosidade conforme as orientações do Movimento Patriótico¹¹.

“A Emanuel nos acolheu”

Entrevistas abertas e semi-estruturadas realizadas com uma amostragem de noventa e três integrantes da comunidade chinesa pernambucana, incluindo membros da primeira e da segunda geração, sobre a questão da religiosidade, revelaram os seguintes dados: 27 pessoas (29%) se declararam ateus ou afirmaram não ter interesse em nenhuma religião, 37 (40%) declararam-se budistas ou “abertos às religiões”¹² e 29 pessoas (31%) afirmaram acreditar em Jesus Cristo e se declararam católicos ou protestantes, ainda que alguns tenham alegado não freqüentar regularmente cerimônias religiosas por falta de tempo, excesso de trabalho ou escolha própria. Estes números causaram surpresa, sobretudo, pelo fato da sociedade

¹¹ Como já foi dito, o Movimento Patriótico das Três Autonomias fiscaliza todos os assuntos religiosos “oficiais”. Entretanto, vale salientar que o controle deste departamento governamental costuma ser mais rígido sobre as religiões de orientação cristã, acusadas pelo PCC de, historicamente, conter espiões estrangeiros entre os seus membros e pretender divulgar “veneno anticomunista”. Este argumento costuma ser exposto por diversas ONGs internacionais religiosas ou de direitos humanos e foi confirmado por seis imigrantes chineses entrevistados. Um fato da história chinesa que corrobora este temor dos comunistas, de que a religião pode favorecer levantes políticos, foi a derrubada da Qing, última dinastia imperial chinesa em 1911, que resultou na criação da República da China; as revoltas que culminaram nesta derrocada dinástica foram lideradas por Sun Yat-sen (1866-1925), um cantonês convertido ao protestantismo e considerado o “pai da China moderna”.

¹² Esta expressão, segundo os interlocutores entrevistados que a utilizaram, significa que eles preferem não se envolver formalmente com nenhuma esfera religiosa “cerimonial” e por isso, exercem suas religiosidades, que podem variar de práticas confucionistas e taoístas a cristãs, no ambiente doméstico. Segundo alguns comentaram, não sendo convertidos a nenhuma religião específica, possuem liberdade para, quando têm vontade e oportunidade, freqüentar esporadicamente diversas denominações religiosas, sem compromisso com nenhuma delas.

chinesa ser comumente associada, em termos religiosos, ao budismo ou às demais religiões de origem oriental; conseqüentemente, ficou evidenciada a importância em conhecer melhor as vivências religiosas cristãs destes imigrantes na região metropolitana do Recife.

Após algumas visitas às três igrejas católicas e aos quatro templos protestantes que foram citados nas respostas dos entrevistados, ficou evidenciado que apenas uma destas instituições religiosas apresentava um grupo constante e regular de adeptos e freqüentadores de origem chinesa. As demais instituições continham membros isolados de famílias compostas por algum membro chinês ou descendente. Este cenário indicava a existência de dispersão e heterogeneidade entre a fração cristã da comunidade chinesa pernambucana. Por isso, a análise ficou focada no cotidiano de uma instituição religiosa cristã que consegue agregar chineses de forma coesa desde 2001: a Igreja Batista Emanuel (IBE), localizada no bairro recifense de Boa Viagem. Antes de descrever e refletir sobre o cotidiano e os representantes deste ambiente, é importante tecer breves considerações sobre a história da IBE, uma das representantes da vertente batista do chamado “protestantismo histórico” brasileiro¹³.

No ano de 1966, os missionários norte-americanos Pr. Glen e Sra. Audrey Swicegood, e a Sra. Mary Witt chegaram a Recife, vindos de Campinas/SP, e lideraram a comissão que providenciou a compra de lotes na Rua Maria Carolina, onde se localiza a atual sede da IBE, inaugurada no dia 27 de outubro daquele ano. Antes disso, locais improvisados eram utilizados para a realização dos cultos dominicais de orientação batista, que contavam com um grupo de cerca de quinze

¹³ As igrejas batistas formam uma família denominacional protestante de origem anglo-americana e a sua história remonta, comumente, a um grupo de dissidentes ingleses no século XVII. Importantes elementos históricos que contextualizam o ambiente sociocultural nos países anglo-saxões nos períodos pré e pós o advento das igrejas batistas são encontrados em HAMMETT, John S. *Biblical foundations for Baptist churches: a contemporary ecclesiology*. MI: Kregel, 2005; BLAIR, John P. *The Church in anglo-saxon society*. Oxford: Oxford University Press, 2005. Uma análise sobre a formação e o desenvolvimento da doutrina batista no Brasil pode ser encontrada em AZEVEDO, Israel B. de. *A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. Piracicaba: Unimep, 1996.

pessoas. O Pr. Glen Swicegood assumiu o cargo de pastor e nele ficou até o ano seguinte, 1967. O nome “Emanuel” foi sugerido por um dos adeptos, professor de hebraico: língua na qual Emanuel significa “Deus conosco”¹⁴.

Um elemento intercultural marcou a história da IBE desde o seu início até meados da década de 1990: a utilização da língua inglesa em alguns cultos e estudos bíblicos. Esta utilização visava atrair seguimentos populacionais abastados que, tendo ou não origem nos países de língua inglesa, demonstravam interesse por ela e residiam em Boa Viagem, bairro que desde a década de 1950 possui um dos maiores índices socioeconômicos da cidade do Recife. Com isso, desde sua fundação, a IBE é marcada pela presença de adeptos estrangeiros. É interessante notar sua “sintonia”, em diferentes contextos históricos, com nações econômica e politicamente estratégicas, através da integração de imigrantes destes países: das décadas de 1960 até a de 1990 com os EUA e desde o início deste milênio, com a China.

A história da fração cristã dos chineses residentes no Recife que, desde 1999 participa de celebrações regulares em mandarim na IBE, remonta ao ano de 1997, quando o Sr. Francisco (75 anos) se batizou na IBE. Oriundo de Taiwan, ele chegou ao Recife nos anos 1980 e, em 2001, retornou ao estado de São Paulo, deixando um grupo de chineses cristãos da cidade organizado no templo da IBE. Desde meados de 1995 até setembro de 1999, o grupo de chineses que tinham interesse pelo cristianismo protestante no Recife costumava reunir-se em restaurantes ou em residências para estudar a Bíblia, realizar cerimônias de casamento e fazer orações coletivas.

Em setembro de 1999, após os batismos do Sr. Francisco e de Jeany (36 anos), também oriunda de Taiwan, o ministério de evangelização da IBE convidou formalmente os membros do grupo a participarem de suas atividades religiosas e

¹⁴ Emanuel é um nome freqüentemente usado para se referir a Jesus Cristo ou à vinda do filho unigênito de Deus para a Terra. Uma famosa passagem do livro profético de Isaías, no Antigo Testamento, assim anuncia a chegada do Messias: “Portanto, o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel” (Is 7.14).

lhes ofereceu um dos salões da igreja para que, quinzenalmente, lá se reunissem para um culto específico e direcionado a eles. “A IBE nos acolheu”, disse a Sra. Li (64 anos), enquanto comentava que a iniciativa da IBE não era de “abrir” um grupo chinês, mas apoiar os membros que, como ela, queriam ouvir o evangelho e possuíam a particularidade de serem chineses ou brasileiros de origem chinesa.

O Sr. Francisco foi responsável pela condução destes cultos chineses até 2001, quando deixou Pernambuco e indicou Chaw Shan Hua (50 anos) para substituí-lo. Irmão Chaw, como prefere ser chamado, nasceu em Taiwan e veio ainda bebê ao Brasil (inicialmente Campinas/SP); ele chegou ao Recife em 2000 e, no mesmo ano, começou a freqüentar a IBE, converteu-se e realizou o batismo. Desde a saída do Sr. Francisco, Chaw conduz os cultos chineses da IBE, que ocorrem nos primeiros e nos terceiros domingos de cada mês e são realizados em duas línguas, a portuguesa e a chinesa (mandarim). Nos segundos e nos quartos domingos, existe tradução simultânea dos cultos para os chineses da IBE que ainda não dominam bem a língua portuguesa; esta tradução é feita por Smiley Ferreira (40 anos), um brasileiro filho de pai chinês que morou 11 anos em Taiwan e fala mandarim fluentemente.

Além destes citados cultos, o atual grupo de vinte e quatro chineses que freqüenta regularmente as cerimônias da IBE também participa de estudos bíblicos, realizados em chinês às quartas-feiras, e da Escola Bíblica Dominical. Alberto Freitas, o atual pastor da IBE, costuma sempre se referir à fração chinesa da igreja em suas pregações. Apesar da maioria destes imigrantes chineses já ter tido contato com o cristianismo em sua terra natal, seja na RPC ou em Taiwan (país de onde veio dezesseis dos citados vinte e quatro), e da principal referência cristã nestes países remeter ao protestantismo (devido a sua presença majoritária), Chaw acredita que estes fatores não são responsáveis pela convergência, na IBE, da maioria dos chineses recifenses cristãos.

Comentando sobre isso, Chaw revelou que sua mãe era católica e defendeu que a explicação para este agrupamento não remete exatamente a heranças culturais,

nem a “tradição” da IBE em acolher estrangeiros, mas sim a uma “obra de Deus”. Para Chaw, além de serem longínquas, as referências religiosas trazidas por aqueles que tiveram algum contato com o cristianismo na RPC/Taiwan podem remeter a perseguições (no caso da RPC) ou a crenças exóticas, como eram vistas as religiões cristãs em Taiwan, ainda pouco difundidas até a década de 1970 (período no qual muitos já tinham emigrado). “A gente procurava uma fé verdadeira e uma linha teológica saudável, a denominação batista nos acolheu e nos deu este campo saudável”, conclui.

Outros imigrantes do grupo concordaram com esta hipótese colocada por Chaw e expuseram argumentos semelhantes. Quatro destes, inclusive, além de reiterar que suas crenças cristãs antecederiam a formalização dos cultos chineses na IBE, comentaram que a imagem tradicionalista da IBE causa impressões positivas aos membros do grupo, que não costumam ver com bons olhos elementos que consideram pagãos no catolicismo e em algumas vertentes do protestantismo, como as linhas neopentecostais. Para Raquel (22 anos), nascida na RPC, esta idéia de “campo religioso saudável”, à qual Chaw se referiu, tem a ver com um distanciamento em relação a “coisas erradas” do catolicismo (que para ela são, por exemplo, as adorações dos santos e das imagens) e também com um afastamento do “toma lá, dá cá”, termo com o qual ela se referiu ao caráter utilitarista e mercantilizado que acredita existir nas igrejas neopentecostais.

Diante dos dados expostos até agora, vemos que existe diversidade na fração cristã da comunidade chinesa de Pernambuco no que se refere a doutrinas (católica e protestante), caráter das práticas religiosas (públicas e domésticas) e níveis de pertencimento e ortodoxia (os que se convertem e os que se declararam “abertos às religiões”). Além disso, percebemos que noções genéricas como ‘cristianismo’ e ‘protestantismo’ precisam ser relativizadas no contexto analítico; já que características comumente atribuídas a algumas de suas vertentes podem ser percebidas e apropriadas de formas distintas ou até mesmo excludentes, pelos

indivíduos que as vivem nos seus cotidianos, evidenciando as dinâmicas da religiosidade cristã no Brasil. Agora é o momento de investigar as razões pelas quais estes imigrantes optaram pelo comprometimento religioso no ambiente específico da IBE.

Conversões e memórias sociais

Cada culto chinês da IBE começa da mesma forma: todos os presentes cantam “*Ye Hé Huá Shì Wo De Mù Zhe*” [O Senhor é meu Pastor] e mais dois hinos em chinês. Em seguida começa a pregação, que é feita de maneira concomitante a diversas leituras de versículos da Bíblia. Desde que estas cerimônias específicas começaram, o grupo está vinculado à Sul América Evangelismo, missão evangélica de origem chinesa sediada no bairro da Liberdade (cidade de São Paulo), que lhes fornece o aparato litúrgico de Bíblias, livretos e um periódico quinzenal; todo este material está escrito em mandarim com caracteres tradicionais, formato utilizado em Taiwan. Esta associação também colaborou na composição dos hinários usados pelos integrantes do grupo chinês da IBE. Durante e após a pregação de Chaw, existem momentos de oração, nos quais os chineses comentaram que costumam “sentir o poder de Deus”.

Como as oito crianças e adolescentes da segunda geração que freqüentam com certa regularidade as cerimônias chinesas estão acompanhando seus pais, era preciso saber, dos imigrantes da primeira geração, suas motivações para entrarem, permanecerem e se converterem ao protestantismo promovido pela IBE. Seguindo uma tendência presente no restante da comunidade chinesa em Pernambuco, existe relativa transitoriedade entre o grupo de chineses que freqüentam a IBE; isso se deve, sobretudo, a questões relativas à legislação imigratória (vistos de trabalho, rejeição a alguns pedidos de permanência, etc.) e às dinâmicas do comércio transnacional, do qual a maioria faz parte. Desde que a pesquisa empírica na IBE começou, em outubro

de 2007, enfatizando as atividades que contavam com a participação dos chineses, ficou constatada a presença de quatro imigrantes que regressaram à RPC, a Taiwan, ou que se deslocaram a outros pontos do Brasil.

Dentre os vinte e quatro chineses ou “brasileiros de origem chinesa”, como alguns preferem ser chamados, que atualmente freqüentam os cultos da IBE, dez realizaram o batismo, sete declararam que “aceitaram Jesus” e que ainda não fizeram a cerimônia por que preferem se preparar mais, estudando o evangelho, e os outros sete afirmaram que estão por enquanto apenas conhecendo a religião. Quando indagados sobre a motivação para começarem a freqüentar as cerimônias, oito disseram que começaram a visitar as reuniões do grupo pelo fato delas constituírem momentos de sociabilidade únicos, que dificilmente ocorreriam em outras ocasiões devido aos horários de trabalho de cada um. O restante alegou o contato prévio com o cristianismo (em sua vertente católica e protestante) na RPC, em Taiwan ou em cidades brasileiras como São Paulo (de onde alguns vieram) como a principal razão para começar a freqüentar as cerimônias “informais” e a continuidade destas, de maneira institucionalizada, na IBE.

O casal Shao Lin (37 anos) e Liong (31), que vieram da RPC, disse que não podiam deixar de aproveitar a liberdade religiosa existente no Brasil e que em sua terra natal, sentiam-se frustrados e/ou incompletos pelo confucionismo e pelo budismo e, ao mesmo tempo, tinham receio em conhecer melhor o evangelho, temendo as conseqüências que a busca pela religiosidade cristã poderia acarretar lá. Um fator interessante é que, antes de vir para o Brasil, eles dois passaram três meses em Taiwan e conheceram um pouco da liberdade religiosa daquele território, fato que lhes influenciou tanto a não se oporem mais à autonomia política taiwanesa, quanto a começarem e continuarem freqüentando os cultos da IBE.

Na análise das demais observações, entrevistas e conversas informais obtidas, também se sobressai certa correlação entre a iniciativa de continuar nesta esfera religiosa e sentimentos nacionalistas que dizem respeito, majoritariamente, à

autonomia política taiwanesa. Com isso, parece que estas práticas religiosas se entrecruzam com dimensões mais amplas, que envolvem histórias familiares, lembranças e memórias compartilhadas relativas à perseguição religiosa; elementos que, direta ou indiretamente, compõem o itinerário das vidas de cada um destes imigrantes. Com isso, parece que as diferenças substanciais entre as esferas públicas da religiosidade na RPC e em Taiwan marcaram e influenciam os seus cidadãos emigrados a ponto de ocasionar, entre certos grupos, um diálogo entre religiosidade, sentimentos nacionalistas e politização de parte das experiências e recordações vividas na terra natal.

Considerações Finais

As primeiras observações na IBE entre estes chineses protestantes indicaram inicialmente a existência de uma relação direta entre o comprometimento com a religiosidade e a estabilidade nos negócios e questões financeiras. Entretanto, a continuidade da pesquisa empírica, aliada a um conseqüente contato aprofundado com os interlocutores, indicou que não existe, necessariamente, uma ligação entre a autonomia financeira e (apenas) a partir dela, um possível envolvimento e compromisso religioso. De maneiras específicas, tanto no segmento cristão praticante (representado pela IBE) quanto no segmento que se declarou apenas “simpático” à doutrina cristã (acreditando na figura de Jesus Cristo, mas não sendo adepto de nenhuma igreja), existe vivências distintas de modalidades e pertencimentos religiosos, de forma independente de condições financeiras.

Com isso, os fatores econômicos podem influenciar diretamente a opção pelo envolvimento religioso, mas não são os únicos responsáveis por ele. Além disso, as práticas religiosas cristãs restritas ao ambiente privado, não devem ser encaradas unicamente como indicativas de enfraquecimento ou distanciamento religioso: isso seria reducionista. Ao invés disso, pode ser mais coerente e profícuo pensar na

possibilidade destas práticas estarem dialogando com dimensões conjunturais, como novos cenários geopolíticos e socioeconômicos, os quais podem alterar profundamente a constituição de subjetividades particulares.

A sociedade chinesa está passando por profundas mudanças, que afetam inclusive a “província rebelde” de Taiwan. Assim, não é possível compreender a identidade, a cultura e a religiosidade destes emigrantes sem atentar para as profundas alterações que o atual “boom” econômico pode provocar nestas esferas. Para Li Zhang e Aihwa Ong¹⁵, os lucros vindos do mercado e de um comportamento auto-centrado, permitidos atualmente na RPC pela privatização, coexistem com os controles estatais socialistas; entretanto, a privatização não deve ser entendida como um conjunto de técnicas que liberam apenas empreendedorismo e organizações empresariais, mas também os poderes da personalidade (*powers of the self*). Com isso, Zhang e Ong desafiam noções convencionais sobre os processos de privatização na RPC e identificam a difusão de inúmeras práticas de interesse e inspiração autônomas dos indivíduos associadas com esta lógica neoliberal específica.

A participação do grupo de imigrantes chineses na IBE parece estar entrecruzada por esta citada idéia de poderes da personalidade, de que falam Zhang e Ong, e simultaneamente, por um cunho político, na medida em que, ao optar por ela, estes imigrantes demonstram interesse em fortalecer sua identidade étnica, construída a partir de especificidades culturais, memórias compartilhadas de deslocamento e pertencimento a mais de um estado nacional. Este último fator, inclusive, parece ser capaz de maximizar oportunidades e experiências específicas em dois países tão distantes, como o Brasil e a China, e que, ao mesmo tempo, possuem suas fronteiras culturais profundamente relativizadas pelas presenças e crenças destes imigrantes.

¹⁵ ZHANG, Li; ONG, Aihwa. *Privatizing China: socialism from afar*. Ithaca: Cornell University Press, 2008.